

SÃO DOMINGOS

DO PRATA

Vale do aço

Pelefando nº 96 Fevereiro 1986 pág 10

## TRÊS ASSASSINADOS EM SÃO DOMINGOS DO PRATA

O pequeno proprietário Geraldo Mage-

la de Faria, matou Maria da Cruz Vieira, o filho dela, Divino João de Deus e João Leite no dia 02 de fevereiro. Ele foi induzido ao crime por um pai-de-santo que disse que estas 3 pessoas iriam reivindicar parte de sua propriedade.

O crime, ocorrido no município de São Domingos do Prata, foi realizado com uma foice para esquartejar as vítimas e uma mão-de-pilão para esfacelar seus crânios.

## Lavrador mata a foice três vizinhos e esmaga os crânios com pilão B4

Belo Horizonte — O delegado regional de Monlevade, Jairo Lelis Filho, está procurando o pai-de-santo que induziu o pequeno proprietário rural Geraldo Magela de Faria a matar três pessoas a golpes de foice e esmagar as cabeças em um pilão, porque elas planejavam entrar com uma ação na Justiça de Alfie, distrito de S. Domingos do Prata, para reivindicar parte da propriedade dele.

Após a chacina, no domingo, Geraldo de Faria, de 48 anos — conhecido também como Geraldo Maximiliano — fugiu e se escondeu em uma mata fechada, próxima ao local do crime, onde é procurado por mais de 30 policiais civis e militares. “O clima é tenso no distrito de Alfie”, segundo o delegado, e os moradores, revoltados, falam em vingança.

O delegado Jairo Lelis revelou que, de acordo com os moradores da localidade, Geraldo Faria havia comentado que, em consulta a um pai de santo, soube que seus vizinhos — Maria da Cruz Vieira, 64 anos, seu filho Divino João de Deus, 37 anos, e seu genro João Leite, de 44 anos — iriam entrar na Justiça para solucionar uma discussão por causa de terras e o aconselhou a tomar providências.

— No domingo, ele se armou de foice e mão de pilão (objeto de madeira usado para moer grãos) e foi à casa de Maria da Cruz, onde a matou com golpes de foice e, logo em seguida, seu filho. Depois, desferiu-lhes golpes com a mão de pilão, massacrando os crânios. Andou cerca de dois quilômetros e matou João Leite, da mesma forma — afirmou o delegado.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
ELOY FERREIRA DA SILVA  
Estado Minas  
04 / 02 / 86  
PAO 93

# Mãe, filho e genro mortos a golpes de foice e de porrete

A polícia de João Monlevade e de São Domingos do Prata está empenhada em capturar Geraldo Magela de Faria, de 45 anos, solteiro, proprietário rural, acusado de assassinar, a golpes de foice e de porrete, Maria da Cruz Vieira, de 64 anos, viúva; o filho dela, Divino João de Deus, de 37 anos, lavrador, e o genro, João Leite, de 44 anos, metalúrgico, domingo, por volta das 13h, no distrito de Alfie, a cerca de 20 quilômetros de São Domingos.

Segundo o delegado regional de João Monlevade, Jairo Lélis, 12 policiais de São Domingos, comandados pela delegada Maria Marinho, e mais um contingente ainda não especificado de policiais de Monlevade, estão embrenhados numa mata fechada onde Geraldo Magela estaria refugiado e podem localizá-lo nas próximas horas. O cerco está sendo coordenado pelo próprio delegado regional, que se fizer necessário.

De acordo com o delegado Jairo Lélis, o crime teria sido premeditado, motivado pelo temor de Geraldo Magela em perder suas terras, que, segundo um pai-de-santo da região, seriam tomadas pela família de Maria da Cruz Vieira. Esta versão para o triplo homicídio está sendo investigada pela polícia e poderá ser esclarecida ainda hoje, com a prisão de Geraldo Magela, que desapareceu no meio do mato logo após matar Maria da Cruz, Divino João de Deus e João Leite.

Apenas uma pessoa presenciou o massacre: a filha de Maria da Cruz Vieira, Fátima Maria Vieira Rocha, de 20 anos, que tentou evitar a morte da mãe e do irmão batendo com um porrete em Geraldo Magela, mas, devido à diferença física entre ela e o agressor, nada pôde fazer para impedir as mortes. Chorando, Fátima Maria contou ao delegado como Geraldo Magela assassinou a mãe e o ir-

mão, usando uma foice para esartejá-los e uma mão-de-pilão para esfacelar seus crânicos.

Depois de matar Maria da Cruz Vieira e Divino João de Deus, Geraldo Magela caminhou cerca de dois quilômetros até a casa onde João Leite estava hospedado (ele era morador em Timóteo e trabalhava como metalúrgico na siderúrgica Acesita) e também agrediu a este, com os mesmos instrumentos utilizados para eliminar as outras duas vítimas. Em seguida, Geraldo Magela desapareceu no meio do mato, deixando para trás a foice e a mão-de-pilão, que foram apreendidos e encaminhados à polícia técnica para exames.

Ontem mesmo, a pedido dos familiares das vítimas, os corpos foram sepultados em Timóteo, acompanhados por inúmeros amigos que, chocados e revoltados com a violência da agressão, fretaram um ônibus que seguiu o cortejo fúnebre que saiu de João Monlevade pela manhã. Num clima bastante tenso, algumas pessoas chegaram a fazer ameaças contra Geraldo Magela, chamado de "bárbaro" e "louco". As atenções se voltam, agora, para o cerco realizado pela polícia, que não está medindo esforços para prender o criminoso.

A operação está sendo comandada pelo delegado Jairo Lélis e pela delegada-adjunta Maria Marinho, empenhando vários detetives e policiais militares. O esquema, segundo o delegado Jairo Lélis, se baseia na aproximação ao acusado por policiais não fardados que se fariam passar por amigos de Geraldo Magela, que está lá quase dois dias sem comer. Os policiais deverão se aproximar oferecendo comida ao acusado, o que, na opinião de Jairo Lélis, facilitará sua prisão. Ainda de acordo com o delegado, Geraldo Magela não está armado com arma de fogo e não deverá reagir à prisão.